

Dança
14, 15 de novembro 2014

Mirage

Miragem Um solo em dezassete cenas
De Ann Papoulis Adamovic

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Dirigido, composto, escrito, coreografado e dançado por Ann Papoulis Adamovic
Conceito do filme Ann Papoulis Adamovic
Filmagem Jasna Hribernik
Danças de palavras Ann Papoulis Adamovic
Assistente de dramaturgia, imagens adicionais e edição Ludivine Large-Bassette
Desenho de luz Geoffroy Roussel
Música gravada no Amphion Music Studio, Nova Iorque
Clarinete, piano e voz Ann Papoulis Adamovic
Cítara e guitarra Ivan Vrhunc
Flauta James Papoulis
Violinos Mary Papoulis e Dave Hab
Tradução Joana Frazão

Na sexta-feira 14, após o espetáculo, haverá uma conversa com os artistas na Sala 1.

O solo *Mirage* transmite, através de dança, música e filme, reflexões fragmentadas sobre as trevas do nosso tempo e a busca da beleza para combater essas trevas. Desenvolve-se em dezassete cenas curtas.

Este solo é o culminar de anos de reflexão.

A dança ao vivo dialoga com imagens que foram filmadas em diferentes épocas da minha vida, em Nova Iorque, Sarajevo, Liubliana, Paris e outros lugares.

Ann Papoulis Adamovic

Cenas

- 1 Stillness – Quietude
- 2 Mystery – Mistério
- 3 Illusion Monologue – Monólogo da ilusão
- 4 Story of a Landscape – História de uma paisagem
- 5 Dialogue – Diálogo
- 6 Rain Pictures – Imagens da chuva
- 7 Wings – Asas
- 8 Greek Sonata – Sonata grega
- 9 The City – A Cidade
- 10 Morality Monologue – Monólogo da moralidade
- 11 Repetition – Repetição
- 12 Mind Visitor – Visitante da mente
- 13 Mad Monologue – Monólogo louco
- 14 The Case – O Caso
- 15 Wind – Vento
- 16 Madwoman in the Attic – Louca no sótão
- 17 Sha La Vi

Sex 14, sáb 15 de novembro
21h30 · Grande Auditório · Duração: 1h · M12

Monólogo da ilusão

Penso muito em ti,
no que tu queres.

Sei que estás aí
tenho a sensação de que te poderia
tocar,
bastava conseguir focar-te.

Serás que és real, hmm, será?
Isto é a realidade, entre mim e ti?
Acho que és real,
isso é só ceticismo.
Não queres que eu me aproxime demais.
Não que eu te censure por isso,
é difícil não se ser cético.

Quanto te procuro aqui,
há imagens da história que se impõem
aos meus olhos,
misturando realidade e pensamento.

Eu vejo-te mesmo, estás aí,
mas não és bem real.
Preciso que sejas real.

Consegues distinguir o limite entre
realidade e desejo?
Consegues distinguir o limite entre o
passado e o futuro?
Elas conseguem-se fundir?

Até onde te podes aproximar de mim?
Até onde é que te atreves?
Vem cá para dentro, vem aqui para
dentro.
Começas a desaparecer.
Volta, volta,
Estamos a ter uma conversa tão
interessante.

Vou ficar aqui à tua espera.
Tens de saber, vou ficar sempre aqui à
espera.



Monólogo louco

Eles estão-me a atacar. Sinto-os a per-
correr os corredores privados do meu
cérebro.
É como no sonho. Eles estavam por todo
o lado, prontos a disparar a qualquer
momento.
Eu não me queria render. Não parava de
fechar portas, como se isso os impedisse
de entrar.

Mas tenho de voltar atrás, contar-vos
desde o princípio, para terem oportuni-
dade de perceber.
É importante que percebam. Mas pri-
meiro tenho de encontrar o princípio.
Nunca há um verdadeiro princípio,
porque o princípio está sempre ligado
ao passado.

Mas não vamos falar disso agora, não
há tempo para filosofias. Tenho de me
concentrar,
os ataques deles minam-me a concen-
tração – o princípio, sim.

A altas horas da noite é o princípio.
A altas horas da noite eu ouvi o início
do tiroteio.
No início era lento, a solo.
Depois começou o diálogo,
até estarem aos gritos uns com os
outros,
aos gritos como um casal infeliz.

Vislumbres de luz por todo o lado.
Vislumbres de loucura por todo o lado.
Fogo na minha cabeça, carne gritos
carne.

Sangue da minha cabeça, carne crânio
escuridão.

Ainda me agarro à possibilidade de ter
sido só um pesadelo,
porque se não foi um sonho
tenho de admitir a enorme estupidez
humana,
um complexo labirinto de estupidez,
altamente inteligente,
e não quero fazer isso.

Não quero desistir da nossa capacidade
para a beleza profunda.
Não quero deixar-nos resvalar para uma
sofisticada idade das trevas
na direção da qual parecemos caminhar.

A sofisticada idade das trevas – é assim
que nos vão recordar se sobrar alguém
para se recordar.

Eles vêm aí outra vez,
tentando penetrar mais fundo desta vez
nos recantos do meu cérebro.
Não os posso deixar entrar...

Ann Papoulis Adamovic

Ann Papoulis Adamovic estudou dança clássica, técnica Cunningham e flamenco em Nova Iorque e na Pensilvânia (1972-1987), e tem o Diplôme d'État em dança contemporânea, obtido em Paris (2005). Estudou teatro nas escolas HB Studios (1981-1984) e Eric Morris (1985-1987) em Nova Iorque. Estudou clarinete, piano e composição (1970-1981) voz, clássica e improvisada, (1990-1992 e 1997-1999). Tem o MBA com distinção da École de Management de Grenoble (2010) uma pós graduação em Oral History da Columbia University, Nova Iorque (1982), e o BA em História do Byrn Mawr College, Pensilvânia (1981).

Dirigiu, coreografou e compôs uma ópera para o Teatro Nacional de Ópera e Ballet de Liubliana, Eslovénia (2003). Coreografou e dançou os solos *A Wolf's Kiss*, *The Sea Queen*, *The Watercastle*, *Medea*, *Mind Visitors*, *Dawn* e *Antigone* que apresentou em Nova Iorque e na Europa (1985-1998), nomeadamente no Holland Festival, no Festival Impulz Tantz, Viena, no Lincoln Centre, no Dance Theatre Workshop e no PS 122, em Nova Iorque, no Acarte e na Culturgest, em Lisboa, na BUC – Bienal Universitária de Coimbra, no Festival du jeune Théâtre, em Liège, no Teatro Pradillo, em Madrid, no Institut Français, em Copenhaga, no Winter Festival em Sarajevo, no Plan K, em Bruxelas, no Spring Dança Festival, em Utreque, no Vooruit, em Ghent, no Cankarev Dom, em Liubliana, no CCN Grenoble e em Budapeste.

Coreografou para companhias de dança da Dinamarca, Croácia, Eslovénia e França.

Criou as partes coreografadas de nove peças de teatro em Liubliana (1995-2003).

Foi ensaiadora da companhia Jean-Claude Gallota (1994-95, 2004, 2007, 2009, 2012 e 2013).

Foi ensaiadora da companhia Plan K, de Frédéric Flamand (1989).

Foi professora do Merce Cunningham Studio, em Nova Iorque, de 1983 até ao seu encerramento em 2012.

Deu aulas de técnicas de dança e dirigiu *workshops* para bailarinos, atores e cantores para as companhias da Ópera de Lyon, Philippe Decoufflé, Angelin Preljocaj, Maguy Marin, Jean-Claude Gallota, Karine Saporta, Rosas, Wim Vandekeybus, Angels Margarit e outras, e para escolas de dança e de teatro na Alemanha, Bélgica, República Checa, Dinamarca, Escócia, Eslováquia, Eslovénia, Espanha, Inglaterra, Jugoslávia, França, Grécia, Holanda, Israel e Portugal. Realizou *workshops* e residências nas Universidades Byrn Mawr, Mount Holyoke, Sarah Lawrence, da Carolina do Norte, em 2003-2004, de Nova Iorque, em 1990, e na Escola de Teatro de Bruxelas, em 1989.

Realizou conferências, seminários e formação individual em Desenvolvimento da imaginação para gestão na Escola de Gestão de Bled, na Eslovénia, na Escola de Gestão de Grenoble, na Câmara de Comércio Americana de Grenoble e de Lyon e na HEC, em Paris, entre 2008 e 2012.

Desenvolveu a pesquisa original *The Iris Map*, de que resultou o livro *Inside Iris: Enhancing life through an active imagination*, que está à procura de editor. Está a escrever *Merce's Meaning*, um livro sobre a estética de Merce Cunningham.

www.companyiris.com

Próximo espetáculo

Baba Mongol

Ciclo “Jazz +351”

Comissário: Pedro Costa



Jazz Seg 17 de novembro

Pequeno Auditório · 21h30 · Dur. 1h · M3

Apesar do *background* dos seus membros estar claramente assente no jazz, o som dos Baba Mongol não dispensa a associação a géneros tão distantes como o rock e a música tradicional portuguesa. O último álbum do quinteto, *Eles e os Outros*, foi um dos melhores discos nacionais de 2013, de acordo com os críticos do *jazz.pt*.

Próximo espetáculo de dança

Território

de Joana Providência



Dança Sex 5, sáb 6 de dezembro

Palco do Grande Auditório · 21h30

Duração prevista: 1h15 · M12

“*Território* é o que a coreógrafa Joana Providência viu quando fechou os olhos e acordou no mundo primordial, e muito anterior às palavras, de Alberto Carneiro. Não é de lá que somos todos?” *Inês Nadais, Ípsilon, 17 de outubro de 2014*
Uma obra que parte do conceito de Alberto Carneiro de “arte ecológica”, da ideia de “relação vivida com a Natureza”, da procura das sensações estéticas e dos valores da Terra que se imprimem no Homem.

Mais informações em www.culturgest.pt

Conselho de Administração

Presidente

Álvaro do Nascimento

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel dos Santos Arada

Pietra Fraga

Alice Neiva

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Estagiários:

Ana Pessoa

Bruno Pereira

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blázquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de Direção Cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

(coordenador)

Ricardo Guerreiro

Suse Fernandes

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo (chefe)

Vítor Pinto

Maquinaria de Cena

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Vasco Branco

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Maria Manuel Conceição

Estagiária:

Mariana Frazão

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo
